

EU ERA ATLETA... VIREI PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

I was an athlete ... I became a school physical education teacher

Jederson Garbin Tenório¹

¹Mestre em Ciências do Movimento, UNIMEP - Piracicaba-SP. Rede de Ensino Público de Mato Grosso, Membro do GELC-UNIMEP.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

RESUMO

Introdução: este estudo insere-se na problemática da formação inicial em Educação Física (EF) escolar, bem como os saberes que são relevantes ao longo de sua formação e as influências e expectativas que os estudantes tiveram antes do ingresso no curso de EF. **Objetivo:** o objetivo do trabalho foi considerar as influências tidas pelos sujeitos anteriores ao ingresso na faculdade e que terão implicações na prática pedagógica. O esporte é um fenômeno portador de signos e códigos que transmitem mensagens que são representadas pelos sujeitos e relacionadas com seu cotidiano, sendo extremamente influente em nossa sociedade. **Métodos:** como procedimento metodológico, realizou-se uma revisão bibliográfica, caracterizando um estudo eminentemente qualitativo. **Resultados e discussão:** Compreende-se que a escolha docente se caracteriza como um processo singular, formada por influências oriundas de vários contextos e instituições. **Conclusão:** assim, a graduação

Recebido em: 20/10/2018
Aceito em: 20/01/2019

representa um momento de possibilidades e aprendizagens iniciais, pois a formação continuada há de ser entendida como algo que transcende a etapa universitária, mas não prescinde dela.

Palavras-chave: Escolha Profissional. Percorso Formativo. Educação Física Escolar.

ABSTRACT

Introduction: *this study is part of the initial training in Physical Education (EF) school, as well as the knowledge that is relevant throughout their training, and the influences and expectations that students had before entering the EF course.* **Objective:** *the objective of the study was to consider the influences of the subjects prior to admission to college and that will have implications for pedagogical practice. Sport is a phenomenon that carries signs and codes that transmit messages that are represented by the subjects and related to their daily life, being extremely influential in our society.* **Methods:** *as a methodological procedure, a bibliographic review was carried out characterizing an eminently qualitative study.* **Results and discussion:** *It is understood that choice is characterized as a singular process, formed by influences from various contexts and institutions.* **Conclusion:** *thus, graduation represents a moment of possibilities and initial learning, because the continued formation is to be understood as something that transcends the university stage but does not ignore it.*

Keywords: *Choose Professional. Formative Course. Physical School Education.*

INTRODUÇÃO

Investigações que visam caracterizar e observar a carreira docente são relevantes para a área da EF, fato observado pelo aumento gradativo de produções, especialmente na última década (FARIAS e NASCIMENTO, 2012; FOLLE e NASCIMENTO, 2008; SHIGUNOV; FARIAS e NASCIMENTO, 2002).

Os estudos que se preocupam em explicar a vida do professor e suas implicações na atuação pedagógica estão ocupando um lugar de destaque no cenário acadêmico diante da necessidade de compreender as relações que se estabelecem entre o cotidiano de vida com

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

o cotidiano escolar, implicando na aprendizagem do aluno (LAPO e BUENO, 2003).

Um conjunto de fatores pode construir a prática pedagógica, tais como: formação inicial, condições de trabalho, realidade sociocultural dos profissionais etc. Nesse sentido, não podemos desconsiderar a escolha da docência como produto de um conjunto de experiências e constituições pertencentes ao discente.

No presente trabalho¹ pretende-se considerar os elementos que compõem a prática pedagógica na EF escolar que podem implicar na ação pedagógica, bem como nas próprias reflexões que são levantadas atualmente nas aulas dessa disciplina, as quais não podem ser desconsideradas, pois são parte da historicidade do sujeito professor. A docência não é algo isolado das demais esferas de nossa sociedade, portanto analisamos este tema na perspectiva de prática social, em constante relação com a política, a economia, a formação inicial, dentre outros aspectos que constituem um todo. Buscaremos aproximar a escolha da profissão em EF escolar como um dos aspectos presentes que busca dialeticamente se estabelecer na dinâmica da ação pedagógica.

PERCURSO METODOLÓGICO

Como procedimento metodológico foi, realizada revisão de literatura, caracterizando um tipo de análise que corresponde às pesquisas qualitativas. Para Minayo (1994, p. 21-2), esse tipo de pesquisa: (...) “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser qualificado”. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ao que se refere ao tratamento das obras que foram referência para esse trabalho, tivemos como base as diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos, de acordo com Severino (2007), procedendo de uma análise textual, temática e interpretativa e da problematização, que se trata de um tipo de abordagem com vistas ao levantamento dos problemas para a discussão; e síntese pessoal da construção lógica de uma redação, de modo a dar condições ao

1 O título do trabalho foi inspirado no artigo: “Dormi aluno... acordei professor”, de autoria de Cunha, Brito e Cicillini (2004).

estudioso de progredir no desenvolvimento das ideias do autor. O levantamento teórico sobre os temas (juntos e separados): “carreira docente”, “escolha da profissão”, “professor de EF escolar” e “prática pedagógica” foi realizado a partir da base de dados Scielo, do *google* acadêmico e da biblioteca da UNIMEP. Foram consultados periódicos, livros, dissertações e teses relacionadas ao tema.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, consideramos as ideias de Severino (2007, p. 122), que a descreve como sendo: “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”.

Pretende-se, assim, buscar dados abrangentes que possam nos levar a compreender o fenômeno em toda sua complexidade. O levantamento bibliográfico teve início no mês de fevereiro de 2018 e fim no mês de maio de 2018.

O Fenômeno esportivo moderno e as implicações na escolha da profissão

A sociedade contemporânea é influenciada muito fortemente pela mídia, com notícias, imagens e produtos relacionados ao esporte moderno. Recebemos inúmeras informações, sons, símbolos, que resultam de diversas fontes: televisão, internet, redes sociais, jornais, revistas, rádio, entre outras. Segundo Harvey (1989), recebemos um “bombardeio de estímulos” em forma de mercadorias.

Em relação à cultura corporal de movimento² midiaticizada, podemos perceber que a programação esportiva está fortemente presente nos meios de comunicação, mediante transmissões esportivas e programas que têm como conteúdo, exclusivamente, o esporte em uma face institucionalizada. A imagem deste modelo é tão forte ao ponto de o grande público compreendê-lo como único. Desde que nascemos, recebemos e produzimos ações, atitudes e comportamentos que são produto da dinâmica cultural na qual estamos inseridos. Neste sentido, conforme Daolio (2006), o homem vai se apropriando de valores, costumes e normas, em um processo chamado de “inCORPOração”. Estamos imersos neste contexto contemporâneo que é marcado pelas rápidas

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

2 Cultura corporal de movimento é o termo adotado para representar os conteúdos culturais com que a Educação Física utiliza, como os jogos, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas. Para Bracht (1999, p.15), a Educação Física é a: “[...] prática pedagógica que tematiza com a intenção pedagógica as manifestações da cultura corporal de movimento”.

TENÓRIO, Jederson
Garbin. Eu era atleta...
Virei professor de
educação física escolar.
SALUSVITA, Bauru, v. 38,
n. 1, p. 7-26, 2019.

transformações em vários campos de interesse que se consolidam pelas disputas e tensões.

O esporte, fenômeno social que se constituiu historicamente e geograficamente no século XX, é uma das principais ferramentas da mídia não só pela sua característica de espetacularização, mas também pela linguagem universal e atrativa que estabelece com os sujeitos, alimentando possibilidades de transformação/complementação do sujeito telespectador, também como sujeito consumidor de produtos e hábitos. Nesse sentido, a grande abrangência do esporte ocorre, em grande parte, por conta da possibilidade que as pessoas podem, em qualquer lugar do mundo, ou por terem acesso a informações. Abarca todas as classes sociais, sendo um fenômeno capaz de mobilizar e promover a socialização, a cooperação e a transmissão de valores. O esporte é uma manifestação da cultura corporal de movimento, intrínseco à disciplina de EF, ou seja, tais saberes podem ser apreendidos em outros espaços sociais - a família, a escola, no grupo de amigos, além da mídia.

De acordo com Betti (1997), o esporte moderno é fruto de constantes transformações ocorridas pela Revolução Industrial na Europa durante o século XVIII e XIX. O esporte, da forma que conhecemos hoje, foi disseminado no século XX, sendo um fenômeno que se expandiu mundialmente como nenhum outro movimento social.

Ao longo do século XX, ele se tornou uma prática mercadológica com o avanço do capitalismo, valorizando o esporte como produto lucrativo. “O fato é que existe um tratamento do esporte como bem específico a ser consumido” (PIMENTA e HONORATO, 2010, p. 493).

Nesse sentido, o fenômeno esportivo tem um papel cada vez mais importante em hábitos, escolhas e, enfim, na vida das pessoas. Partimos do pressuposto de que esse elemento cultural, fruto de transformações sociais, pode influenciar de maneira relevante o delineamento da escolha profissional do sujeito que está em uma fase de dúvidas em relação a seu futuro. Apesar disso devemos frisar que a EF é uma opção profissional, dentre inúmeras outras áreas do conhecimento que estão inseridas em um contexto cultural e em uma dinâmica semelhante. “É bastante difícil decidir que caminho seguir, quando essa decisão significa um grande investimento futuro; escolher entre isto ou aquilo, quando essa escolha implica a definição de uma profissão” (BORGES, 1998, p.91).

Nos espaços sociais circulam ideias e ações que penetram suas fronteiras “não delimitadas”, criando novas interações que atuarão na definição das identidades dos indivíduos. Todo este movimento revela

as tensões entre várias forças intelectuais, econômicas e políticas em dimensões inter-relacionadas. Este momento de vida marcado por incertezas e algumas escolhas leva-nos a questionar: mas o que leva um sujeito ser professor de EF escolar, considerando todos os obstáculos e barreiras que se estabelecem na EF, de forma particular a escolar, como extensão da carreira docente? Segundo Benites e Souza Neto, (2011, p. 3): “[...] há uma escolha pela profissão por conta das experiências anteriores”. O futuro educador geralmente escolhe a formação em EF por ter praticado um esporte anteriormente ou por se identificar com algum professor durante a escolaridade.

Esta imagem prévia constitui um símbolo de identidade associada à imagem midiática e não necessariamente reflete as funções e o cotidiano de um professor de EF escolar. Para reforçar esta ideia, Folle *et. al.* (2009, p. 33) salientam que: “Embora exista uma gama de fatores que podem influenciar na escolha pelo curso de educação física, parece que o esporte é um dos principais agentes de inserção(...)”. De modo geral, a representação que se tem do professor de EF é como um educador diferente dos demais no cenário educacional, por ministrar uma disciplina associada a um espaço de prática de esportes. Neste sentido, Daolio (1998, p. 58) comenta: “Além do seu local de trabalho ser diferente do de outros professores, sua identificação também se dá de imediato pela vestimenta, caracterizada pelo uso de agasalhos esportivos e de tênis”.

Essa visão possibilita uma imagem fragmentada do educador e da própria prática pedagógica, que não podemos desconsiderar.

Compreender essas questões é muito importante para visualizarmos inclusive a realidade das práticas pedagógicas sem, no entanto, desconsiderar outros elementos que formam um conjunto de fatores constituintes da ação docente.

A Constituição prévia do Professor e a relação com o modelo de aulas

O cotidiano dos professores de EF escolar, as características que compõem a atuação docente e o percurso formativo despertam a necessidade de se buscar respostas para fatos e fenômenos que ocorrem ao longo da trajetória docente.

Precisamos compreender o professor em sua totalidade, ou seja, a identidade do professor começa desde seu nascimento e se constrói ao longo da vida, não podendo ser a docência e a prática pedagógica retratos isolados do seu trabalho docente. Antes do ingresso na faculdade, já existe um contexto cultural que pode ser compreendido

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson
Garbin. Eu era atleta...
Virei professor de
educação física escolar.
SALUSVITA, Bauru, v. 38,
n. 1, p. 7-26, 2019.

como parte de nossas análises. Segundo Nóvoa (1995, p. 25): “O professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor”.

Como um movimento cultural, os sujeitos históricos caminham quase que paralelamente a um percurso da produção de conhecimentos, seja científico, empírico ou do senso comum. A EF, historicamente, era pautada em um discurso organizado sob a égide das Ciências Biológicas e uma prática pedagógica, tanto no âmbito da formação profissional como da intervenção social, baseada no modelo instrumental do saber fazer. Ainda que construída como licenciatura, desde sua constituição no nível superior, foi separada das demais licenciaturas e não havia disciplinas pedagógicas nos currículos da formação, ao menos até a década de sessenta, como informam Azevedo e Malina (2004). Valorizava-se o conhecimento prático, associado às técnicas corretas de execução de movimento. Nesse sentido, até a própria educação brasileira é(ra) movida por uma perspectiva instrumental. Segundo Cunha (2004, p. 526): “A ideia de que, *quem sabe fazer, sabe ensinar* deu sustentação à lógica do recrutamento dos docentes”. Logo, a EF associada a um “saber fazer” pode ser um pressuposto de que os alunos criam expectativas em relação à sua atuação, após a conclusão do curso universitário, de que podem vir a tornar-se um técnico de sucesso, um descobridor de talentos, dentre outras coisas relacionadas ao esporte de rendimento. Concordamos com Borges (1998, p. 90), que referencia as experiências anteriores do estudante: “E isso acontece na maioria dos atletas que, ao abandonarem a carreira esportiva, dedicam-se ao ensino como uma extensão da sua própria trajetória, da sua própria vida de atleta”.

Assim, o esporte torna-se uma espécie de salvação em uma estrutura social excludente, devido à ascensão social imediata que este proporciona aos que se destacam (minorias), uma vez que a prática do esporte implica na hiper-competitividade e no alto rendimento. Para Bracht (2005), o esporte é regido por regras facilmente compreendidas, possui uma linguagem simplificada, oferece à população uma identificação com o coletivo e cria no espectador um ambiente que compensa o tempo de trabalho, trazendo um sentimento de satisfação e divertimento.

O pressuposto de que: “Eu gostava de esporte, por isso escolhi EF”, vai se contrastando com o dilema: “Mas será que vou gostar de ensinar?”. “*Gostar de*” pode não ter o mesmo significado de “*atuar em*”, ou “*ensinar a*” (que exige formação, encontro com os percalços da realidade e nem sempre marcado por momentos satisfatórios). Essa visão claramente constrói e construiu um convencimento de um modelo desejável de atuação profissional, concomitantemente com a própria influência midiática na área, abordada anteriormente.

No que tange, especificamente, à realidade brasileira, ressalta-se que os fatores relacionados às questões sociais dos alunos, à aprendizagem e à fixação do conhecimento para o desempenho futuro no mercado de trabalho, bem como as influências externas à escola, tendem a gerar níveis acentuados de preocupações, as quais podem se transformar em angústias do cotidiano, movidas pela fragilidade do docente frente a estas situações que nem sempre permitem o seu controle (RIBEIRO *et. al.* 2004, p.64-65).

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

Durante o caminho trilhado em uma formação de Ensino Superior, o estudante se prepara por meio de um processo de construção de conhecimento, saberes e conteúdos, como parte da construção da identidade profissional que ele pode vir a desenvolver. As competências de ensino na área do saber são compreendidas e relacionadas com a realidade em que o estudante vive, considerando seus valores, representações e histórias, com o intuito de perspectivar uma ação crítica e responsável para transformar esta realidade. Portanto, a trajetória trilhada pelo sujeito vai se moldando e constituindo a identidade do professor de EF. A própria constituição do educador e seu modo de ser e agir, são características delineadas ao longo de sua caminhada formativa inicial e contínua. Os processos de formação são momentos vividos pelos professores ao aprender no percurso inicial conhecimentos, situações, experiências, curiosidades com suas especificidades e subjetividades.

Um professor tem uma história de vida, é um ator social, têm emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos nos quais se inserem (TARDIF, 2002, p. 265).

Da forma como possuem uma representação, podem se transformar em experiências relevantes na nossa trajetória formativa ou simplesmente priorizar certos conhecimentos em detrimento de outros, conforme suas prioridades e expectativas. A formação acadêmica inicial e o modo como poderá aplicar seus conhecimentos compõem-se de um complexo sistema de fatores e individualidades.

O percurso da Formação Universitária como 'lôcus' privilegiado de revisão

O percurso de formação ocorre dialeticamente, em virtude dos espaços educativos que dão suporte à sua construção de conhecimento

TENÓRIO, Jederson
Garbin. Eu era atleta...
Virei professor de
educação física escolar.
SALUSVITA, Bauru, v. 38,
n. 1, p. 7-26, 2019.

e não somente à Universidade, mas a Escola, Encontros Formativos, Pesquisa, dentre outros. O estágio supervisionado constitui talvez o mais expressivo espaço educativo durante a formação acadêmica. Por meio dele, é possível associar a teoria à prática, refletir sobre a aplicabilidade do conhecimento e refletir, posteriormente, por meio da “ação-reflexão-ação”. Silva e Krug (2012), ao investigarem estudantes de educação física, constataram que as aprendizagens mais significativas dos entrevistados foram associadas com os momentos de estágio e as reflexões que davam suporte às inseguranças e questionamentos surgidos no processo. Outro momento significativo relatado pelos entrevistados foi a participação em projetos, considerando o acompanhamento do Professor-Orientador que pode auxiliar na articulação do conhecimento trabalhado, sistematizando as atividades, mais uma vez articulando teoria e prática pedagógica. Silva e Krug (2012) enfatizam a ideia do estudante se tornar consciente de que a aprendizagem deva estar presente sempre, sendo o futuro educador um próprio agente de sua aprendizagem e de sua autoformação através da pesquisa.

O acadêmico se constitui na atuação escolar, ou em outro campo de intervenção, no momento em que passa a atuar e se torna ativo na elaboração, execução e avaliação de seu próprio trabalho docente. Nesse sentido, os estágios e projetos são momentos determinantes no campo escolar, articulando o conhecimento teórico ao prático (KRUG *et.al*, 2015).

Diante desses saberes, verifica-se a necessidade de priorizar o diálogo entre Universidade e Escola, pois a importância deste diálogo favorecerá o reconhecimento das necessidades postas pela composição da realidade. Colombo e Cardoso (2008) declaram que o enfoque no ensino das disciplinas que estão diretamente ligadas à formação da prática pedagógica em EF, como didática, estágio supervisionado e metodologia dos esportes coletivos, possibilita uma melhora qualitativa na formação do estudante. Essa minimização da distância entre formação e “chão da escola” causa menos estranhamento ao acadêmico, oportunizando experiências mais próximas da realidade.

Outra ação possível para aperfeiçoar a prática pedagógica é destacada por Nóvoa (2009): a criação de um espaço de debates com os colegas. Ele, ainda, acrescenta que o melhor lugar para aprender a lecionar é a própria escola.

O curso de formação representa uma etapa inicial na atuação, que tende a habilitar o ingresso na carreira legitimamente, em um ambiente que necessita de reinvenção e questionamentos, pois a formação há de ser entendida como algo que extrapola a etapa universitária, mas que não deve sucumbir a ela.

Não é finalidade deste trabalho “ditar uma prescrição” de atuação, nem ensinar metodologias e conteúdos a serem desenvolvidos na escola. Aliás, precisamos destacar que nossa discussão se limita a atuação no âmbito escolar.

No entanto, compreendemos que não é na escola que um professor de EF deve atuar como técnico, selecionando uns poucos e desconsiderando outros tantos alunos. Para reforçar este argumento, Ball (2005) descreve que o sistema, como explicitado anteriormente, busca “treinar” e “colonizar” professores para que possam atuar meramente como técnicos, sem necessidade de refletir sobre suas práticas. As organizações (escolas) servem para atender a clientes (atletas). O mais desanimador talvez seja a ideia de que para esta função, da forma que possa se desenvolver, como um mero “tarefismo”, não há necessariamente a exigência legítima de uma formação científica, sistêmica. Isto fica claro quando as aulas são utilizadas como espaço de treino, para formação de equipes com finalidades para disputar um campeonato ou outra competição. Assim, a diversidade de conteúdos da cultura corporal de movimento, expressas nas lutas, danças, jogos, ginásticas e esportes, que podem ser explorados nas aulas, ficam de lado, em detrimento de uma ou duas modalidades esportivas.

O que ensinar na Escola? O encontro com a realidade e possibilidades de transformação.

Ensinar é algo muito singular, que é constituído, como dito anteriormente, por inúmeros fatores que implicam na prática pedagógica. A entrada no mercado de trabalho e a atuação na escola constituem um momento que produz sentimentos de incertezas, inseguranças e também de possibilidades. Surgem dúvidas significativas nesta fase da carreira: O que ensinar? Aquilo que aprendi na teoria logrará êxito na prática?

Muito se fala que, no caso das proposições pedagógicas³ emergidas no final da década de 1970 e início dos anos 1980, os autores

3 A partir do final da década de 1970, o modelo tradicional de aulas começou a sofrer críticas de um movimento denominado renovador. Esse movimento propôs novas abordagens pedagógicas como uma possibilidade de contrapor perspectivas exclusivamente biológicas. Surge o entendimento que, as manifestações corporais do ser humano são produtos da dinâmica cultural humana. Abordagens sugeridas em obras, tais como: Soares et. al. (1992), Betti (1992), Kunz (1994), Daolio (2006), Bracht (1999) e Nahas e Korbin (1992).

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson
Garbin. Eu era atleta...
Virei professor de
educação física escolar.
SALUSVITA, Bauru, v. 38,
n. 1, p. 7-26, 2019.

(pesquisadores) pensaram nas teorias e os atores (professores) não conseguiram aplicá-las. Nesse caso, o diálogo se fragmentou, não sendo compreendido e alinhado com pesquisa e ação, entre teoria e prática. Nesse sentido, González e Fensterseifer (2009, p.12) consideram: “Assim, na nossa compreensão, a EF se encontra ‘entre o não mais e o ainda não’, ou seja, entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra sobre a qual ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver”. E salientam que esse novo projeto não existe enquanto prática hegemônica, o que significa que essas novas propostas sejam partilhadas e devam passar pela invenção de novas práticas pedagógicas.

Betti (2005) considera que a atual situação problemática da EF não está na falta de teoria, mas na relação teoria-prática. E acrescenta que o avanço teórico que se obteve na EF brasileira não se converteu em melhores práticas na EF escolar.

Constituem dilemas a serem superados nas experiências iniciais e podem, ou não, serem superados. Segundo Cunha (1997), este processo de relação teoria e prática não deve ser linear. Muitas vezes, desconsidera-se que determinadas ideias foram construídas em diversos ambientes ou desenvolvidas por outros autores e atores. A teoria advém da observação e a prática da execução. “A prática não é apenas opção, mas necessidade da teoria, desde que esta pretenda ser real. Com isto, reconhece-se que a prática também produz conhecimento” (DEMO, 1995, p.65).

O professor, ao encarar a realidade, pode enfrentar os obstáculos ou simplesmente não romper com o paradigma instaurado no seu cotidiano. Levando-se em conta que o esporte ainda é o tema central, o “carro-chefe” das aulas, privilegiando o aperfeiçoamento técnico, o professor que foi atleta simplesmente reproduz um modelo “sem esforço”. Segundo Millen Netto et. al. (2010): “[...] é comum que alunos, a comunidade escolar e, por vezes, os seus professores vejam a Educação Física como uma disciplina exclusivamente prática e, muitas vezes, voltada para os interesses imediatos dos alunos (como por exemplo jogar futebol)”. Confunde-se as finalidades do professor, com o entendimento de que sua função seja a mesma de um treinador, formador de equipes esportivas para representar a escola em competições.

Nesse sentido, propostas de reflexões serão apontadas para que os professores possam compreender e ressignificar as práticas pedagógicas, articulando a práxis (longe de nossa pretensão que isso seja um didatismo pedagógico, mas fruto de reflexões feitas em um processo histórico e epistêmico, pensadas por educadores e para os educadores).

Diríamos que o professor de EF, ao privilegiar o esporte baseado no alto nível nas aulas e simplesmente atuar conforme suas expectativas, não constrói uma ação pautada em um conhecimento protagonizado por ele, simplesmente reproduz e reutiliza algo já sabido, algo já aprendido fora da escola, sem articulação com uma formação acadêmica⁴, não tendo a razão de se diferenciar de uma prática ligada ao senso comum.

Dessa maneira, o esporte na escola, desenvolvido em sua dimensão técnica, privilegia os alunos mais habilidosos, desconsidera e frustra os demais, “transplanta” modelos prontos e se põe a serviço do esporte midiático, intimamente associado às indústrias de equipamentos esportivos.

A característica de seletividade do esporte de rendimento é, em alguns casos, absorvida pela Educação Física escolar. Na seleção dos melhores, mais habilidosos, ou socialmente aceitos pelo grupo, para compor times ou realizar outras atividades ficando os menos habilidosos sem opção ou compondo o grupo mais fraco que possivelmente sofrerá derrotas (HERDEIRO, 2013, p. 41).

Diante disso, o esporte a ser desenvolvido na escola precisa assumir características que contemplem a diversidade cultural presente neste ambiente, que é abordado pedagogicamente, contemplando os alunos em suas diferentes perspectivas e interesses. “Se considerarmos (...) as funções da instituição escolar, a referência para o trato do esporte não deveria ser a perspectiva hegemônica” (BRACHT e ALMEIDA, 2003, p. 98). Ou seja, as aulas de EF podem constituir novas possibilidades de compreender e vivenciar o esporte, adequado ao ambiente escolar, como manifestação da cultura, compreendido como um elemento a ser ressignificado e não apenas absorvido pelos sujeitos.

Ao considerar que o esporte desenvolvido na escola é apropriado como um elemento da cultura a ser vivenciado ao longo da vida, a referência precisa ser o esporte praticado a partir de códigos como a saúde, a sociabilidade e o divertimento. O esporte como elemento do contexto do lazer diferencia-se do esporte de alto rendimento que é baseado no binômio vitória-derrota (BRACHT, 2005). A escola, como instituição capaz de ampliar o conhecimento dos sujeitos trazidos do senso comum, deve mediar pedagogicamente os conhecimentos da cultura corporal de movimento por meio das aulas de EF.

4 Segundo números apresentados no portal do eMEC, em 2016, existiam cadastrados 1311 cursos de graduação (presenciais) em EF no Brasil. Em 1991, haviam apenas 117 cursos.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson
Garbin. Eu era atleta...
Virei professor de
educação física escolar.
SALUSVITA, Bauru, v. 38,
n. 1, p. 7-26, 2019.

Como pré-condição para a atuação sistêmica organizada, é sabido que esta prática pedagógica precisa ser dialética, diferenciando-se de uma ação de conhecimento acrítico. A possibilidade de se distanciar da exploração do conhecimento do senso comum é premissa para a construção de saberes neste espaço. No entanto, a partir do conhecimento do senso comum o educador pode confrontar com o senso crítico, possibilitando ao educando novos olhares a respeito de determinados assuntos.

A escola, para além de socializar – suscitando o princípio de realidade, condição para a disciplina, pré-requisito para o esforço do aprendizado crítico e intelectual, diferente da socialização hipnótica e acrítica, por exemplo, da televisão, na qual as emoções se sobrepõem à razão –, deverá ainda, e isso quem sabe é hoje sua razão de ser, organizar criticamente a informação recebida e oferecer aos alunos “ferramentas cognitivas para torná-la proveitosa ou, pelo menos, não nociva. Tudo isso sem que ele próprio se torne um novo sugestionador, e sem pedir outra adesão que não a de inteligências em via de formação responsável rumo à sua autonomia” (SAVATER, 2000, p. 89).

A escola possui, então, capacidade de introduzir os alunos ao mundo sociocultural historicamente produzido com possibilidades de questionamento e reconstrução desse mundo. Eles precisam compreender que a sociedade contemporânea tem criado formas de representar o mundo, constituídas por interesses mais difundidos que outros e, conseqüentemente enfatizadas no processo de dinâmica cultural, conservando e reforçando suas estruturas. De acordo com Betti e Zuliani (2002, p. 75):

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

Nesse sentido, nosso argumento vai ao encontro de ideia do esporte como conteúdo da cultura corporal de movimento que deva ser contextualizado na perspectiva pedagógica e para além disso, explorar o conhecimento produzido historicamente, que está presente na cultura corporal de movimento.

As práticas corporais devem ser compreendidas a partir do contexto cultural em que estão inseridas, existindo uma grande

diversidade e identidade cultural dos sujeitos envolvidos no espaço escolar. Proposições que consideram a EF como uma disciplina que está inserida no contexto cultural encontram referências nos trabalhos de Daolio (2006).

Seguindo esta linha de pensamento, as práticas corporais são refletidas no âmbito das identidades culturais, no mundo contemporâneo, com a intenção de contribuir para a discussão sobre a cultura corporal de movimento e o processo de mediação pedagógica operado nas aulas de EF.

Outra possibilidade que visa fundamentar a ação do educador, legitimando sua prática, encontra eco na pesquisa-ação ou investigação-ação na educação. Este modelo é uma tentativa (dos acadêmicos) de superar as lacunas existentes entre o ensino e a pesquisa e de resolver o problema da relação entre teoria e prática. Com diferentes nuances, objetiva ao mesmo tempo conhecer (pesquisa) e atuar (ensino) e, portanto, aproximar pesquisador e professor, pois o professor é visto como produtor de conhecimentos a partir de sua prática, e o pesquisador um profissional reflexivo que atua como facilitador e colaborador. Bracht (2002) e Betti (2009) orientam o uso da pesquisa-ação nas aulas de EF. Trata-se de uma possibilidade de repensar o distanciamento na EF entre pesquisa e ensino, enfim, seja possibilidade para quem pretende redimensionar a EF escolar em seu contexto vivo, ao qual professores e alunos compartilham uma experiência de aprendizagem sistematizada.

Nesse sentido, uma EF comprometida com a “práxis” pode ser visualizada em investigações que dialogam com abordagens teóricas do movimento renovador (TENÓRIO, 2018; FARIAS *et. al.*, 2017; NEUENFELDT, 2016; GALINDO, 2015; SILVA, 2014; LIMA, 2009 e BUSTAMANTE, 2003), dentre inúmeras outras.

Fensterseifer e Silva (2011) apontam como possibilidade para melhorias de práticas pedagógicas a aproximação entre a Universidade e a Escola. Para isso, os professores universitários precisam se aproximar dos professores escolares, articulando os conhecimentos produzidos. Essa possibilidade pressupõe a necessidade do professor ser um sujeito de sua aprendizagem, supondo curiosidade, pesquisa e aproximação com os saberes produzidos também no âmbito acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do esporte como um sistema de símbolos operado que influencia de modo singular os estudantes que

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson
Garbin. Eu era atleta...
Virei professor de
educação física escolar.
SALUSVITA, Bauru, v. 38,
n. 1, p. 7-26, 2019.

constroem suas identidades profissionais em interação com todos os seus espaços de vida, não podemos desconsiderar sua vida escolar, suas percepções em relação à EF e ao papel do professor e suas expectativas constituídas ao longo da formação inicial. Durante toda a escrita desse trabalho, pensamos em um fio condutor que fosse capaz de nos guiar e sustentar uma posição em relação à proposta inicial.

Compreendemos que a prática pedagógica na escola não deve servir como reprodução do modelo esportivo que move todo o imaginário de alunos, pais, professores e sociedade em geral que, na verdade, não ensina, não se legitima. Também concordamos que o esporte é o “carro-chefe” da EF escolar. A construção da identidade como futuros(as) professores(as) de educação básica não deve significar um desapontamento, mas uma possibilidade a todos os envolvidos nesse processo de repensar suas ações docentes e suas práticas futuras, além das próprias trajetórias formativas. Não se trata de culpabilizar escola, universidade e sujeito, longe disso: precisamos “pensar juntos” e - não esqueçamos - “agir juntos”. Nesse processo, todos são importantes. Como se tratasse de um campeonato, no qual os vários jogadores dividissem a artilharia ou que nenhum membro da equipe tivesse vaidade para se destacar frente aos demais. Procuramos apontar significações a partir do contexto cultural em que estamos inseridos, também relacionadas às experiências de vida e aos processos de formação. A própria formação deve ser reflexiva, percebendo-se a importância de se buscar na formação os significados que possibilitem um olhar que dê sentido à profissão. Para finalizar, consideramos que a formação inicial é delineada pelos contextos sócio-históricos dos quais os futuros educadores fazem parte.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. C. B.; MALINA, A. Memória do currículo de formação profissional em educação física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, Autores Associados, v. 25, n. 2, p. 129-142, 2004.

BALL, S. J. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 539-564, set./dez. 2005.

BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S. Educação Física, professores e estudantes: a escolha da docência como profissão e os saberes que lhe são constitutivos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n. 2, p.1-11, mai./ago. 2011.

BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009.

_____. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: UNIJUI, 1997.

_____. Sobre teoria e prática: manifesto pela redescoberta da educação física. **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 10, n. 91, dez., 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28099432_Sobre_teor%C3%ADa_e_pr%C3%A1tica_manifesto_pela_redescoberta_da_educacao_fisica. Acesso em: 22 de abril de 2019.

BETTI, B.; ZULIANI, R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n. 1, p.73-78, jun./set., 2002.

BORGES, C. M. F. **O professor de Educação Física e a construção do saber**. Campinas: Papyrus, 1998.

BRACHT, V. et al. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, jan. p. 9-29. 2002.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. de. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto** / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, v. 26, n. 89, p. 131-146, jun., 2013.

BRASIL. MEC. **Instituições e Cursos de Educação Superior**. Brasília/DF, 2007. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. **SALUSVITA**, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

BUSTAMANTE, G. O. **Educação Física Escolar e a Educação para o Lazer**. 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências de Rio Claro, UNESP, Rio Claro, 2003.

COLOMBO, B. D.; CARDOSO, A. L. Formação inicial em educação física e atuação na escola: a hora da verdade. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XX, nº 30, p. 111-127, Jun. 2008.

CORREIA, R. N. P.; FERRAZ, O. L. Competências do professor de educação física e formação profissional. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 281-291, abr./jun., 2010.

CUNHA, M. I. da. Aula universitária: inovação e pesquisa. In: LEITE, D. B. C.; MOROSINI, M. (org.). **Universidade futurante: produção de ensino e inovação**. Campinas: Papirus, p.79-94, 1997.

CUNHA, A. M. O.; BRITO, T. T. R.; CICILLINI, G. A. Dormi aluno(a)... Acordei professor(a): interfaces da formação para o exercício do ensino superior. **Políticas de Educação Superior**, [S. l.], n. 11, p. 1-15, 2004.

_____. Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a docência e sua formação. **Educação**. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 3 v. 54, p. 525-536, set/dez. 2004.

DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

_____. **Da cultura do corpo**. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DEMO, P. Pesquisa Participante - Discutindo êxitos e dubiedades. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano VII, n. 8, p. 55-72, dez., 1995.

FARIAS, U. de S.; SOUSA, C. A. de.; MALDONADO, D. T.; MOREIRA, V. dos S.; JANUÁRIO, P. C. S. No caminho de novas práticas pedagógicas em educação física escolar. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas, v. 15, n. 4, p. 486-504, out./dez 2017.

FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. do. Fatores Intervenientes na carreira de professores de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 465-483, abr./jun., 2012.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaando o “novo” em Educação Física escolar: a perspectiva de seus atores. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar., 2011.

FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; BOSCATTO, J. D.; NASCIMENTO, J. V. do. Construção da carreira docente em educação física: Escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p.

25-49, jan./mar., 2009.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. do. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física**, Maringá, v.19, n. 4, p. 605-618, set./dez., 2008.

GALINDO, V. A. **Lazer e cultura: construção de brinquedos nas aulas de Educação Física**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Faculdade de Ciências da Saúde, UNIMEP, Piracicaba, 2016.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “Não Mais” e o “Ainda Não”: Pensando Saídas do Não-Lugar da EF Escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 9-24, set. 2009.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HERDEIRO, R. C. **A relação entre esporte escolar e esporte de alto rendimento: recreação, reprodução e distinção**. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física / Programa de Pós-graduação em Educação Física - UnB, Brasília, 2013.

KRUG, H. N.; KRUG, R. de R.; MARQUES, M. N.; CONCEIÇÃO, V. J. S. da. Ser professor na escola: de aluno a professor no estágio curricular supervisionado na licenciatura em Educação Física. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 248-269, jan/abr., 2015.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.118, p. 65-88, mar., 2003.

LIMA, I. **Educação Física na Escola Pública: explorando uma prática pedagógica dialogada**. 2009. 287 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências da Saúde/ Mestrado em Educação Física – UNIMEP, Piracicaba, 2009.

MILLEN NETO, Á. R.; CRUZ, R. P. da.; SALGADO S. da S.; SOARES, A. J. G. Evasão escolar e o desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-15, mai./ago., 2010.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. **SALUSVITA**, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.

NAHAS, M. V.; CORBIN, C. B. Educação para a aptidão física e saúde: Justificativa e sugestões para implementação nos programas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.6, n. 3, p. 14-24, jul./ago.,1992.

NEUENFELDT, D. J. **Educação Ambiental e Educação Física escolar: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2016.

NÓVOA, A. **Professores: Imagens do futuro presente**. Educa: Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. 2009.

_____. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, p. 11-30. 1995.

PIMENTA, T.; HONORATO, T. Esporte moderno e mediação pedagógica nas aulas de educação física. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 493-505, out/dez. 2010.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SEVERINO, A. **Metodologia Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHIGUNOV, V.; FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. O percurso profissional dos professores de Educação Física nas escolas. In: SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A. (Orgs.) **Educação Física: conhecimento teórico x prática pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, p.103-152. 2002.

SILVA, M. A. da. **Uma abordagem crítica do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física no Ensino Médio integrado**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Mestrado em Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, UFRN, Natal, 2014.

SILVA, A. M.; NICOLINO, A. da S.; INÁCIO, H. L. de D.; FIGUEIREDO, V. M. C. de. A Formação Profissional em Educação Física e o Processo Político Social. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 2, ago., 2009.

SILVA, A. R.; KRUG, H. N. As trajetórias formativas de acadêmicos de Educação Física do curso de licenciatura da UFSM: contribuições na constituição do ser professor. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 7, n. 4, p. 1026-1052, dez. 2012.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C.; VARJAL, E.; CASTELLANI FI-

LHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez. 1992.

RIBEIRO, V. T. FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; NAZARIO, P. F. Preocupações Pedagógicas e Competência Profissional de estudantes de Educação Física em situação de Estágio. **Rev. Educ. Fís. UEM**, Maringá, v. 26, n. 1, p. 59-68, jan./mar., 2015

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 7º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TENÓRIO, Jederson Garbin. Eu era atleta... Virei professor de educação física escolar. *SALUSVITA*, Bauru, v. 38, n. 1, p. 7-26, 2019.